

Judeus: exílio babilônico

Fabiano Luis Bueno Lopes¹

Introdução

O artigo que segue é proveniente dos resultados parciais obtidos a partir de uma extensa pesquisa bibliográfica, empreendida para desvendar, na História do povo de Israel, o que ficou conhecido como o período do Exílio (e/ou Cativo) Babilônico dos judeus. Pretendeu-se elaborar um apanhado crítico deste acontecimento - que foi marcante não só para o povo vítima do exílio, mas para os diversos povos próximos nos séculos VII e VI a. C. - a partir da utilização de diversos textos dos bíblicos como fontes primárias.

Novas concepções sobre mito, sobre as problemáticas da religiosidade e a aceitação das produções literárias produzidas na História, tem tornado próspero o trabalho de se desvendar o passado dos tempos bíblicos e da História de Israel. Após a pesquisa bibliográfica de recentes publicações sobre o assunto, e da análise de escritores clássicos de décadas passadas, acrescido da análise das fontes primárias (na grande maioria textos bíblicos), foi possível organizar uma cronologia aproximada dos fatos, e refletir sobre a importância do estudo deste episódio. Porém, o objetivo maior não será repetir as Histórias de todos os povos envolvidos (egípcios, assírios, babilônicos, medos, persas, etc.), para explicar o cativo de Israel, e sim, partir da análise dos principais problemas enfrentados pelos cativos(ou exilados). Também será abordada a forma como viveram (ainda que seja escassa a documentação primária sobre isso), e quais as novidades, as heranças para a História, dos judeus após o episódio.

Grande parte da produção histórico-literária da Bíblia, do chamado Velho Testamento, é destinada ao acontecimento: percebe-se a todo momento, que os livros dos profetas alertavam o povo sobre a necessidade da obediência à lei de Moisés. As vitórias alcançadas eram atribuídas ao favor e graça divinos e à obediência às Suas ordens, os infortúnios e derrotas eram frutos dos pecados do povo e dos reis. No livro de Deuteronômio observa-se os dois destinos. Em Dt 28:1-2 o favor divino viria se:

“...ouvires a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje te ordeno, o Senhor teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do Senhor teu Deus”.

¹ Graduação- História/UFPR.

Já nos versículos que vão de 49 até 52 do mesmo capítulo observam-se as maldições em caso das desobediências:

*"O Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra, que voa como a águia, nação cuja língua não entenderás; Nação feroz de rosto que não respeitará o rosto do velho, nem se apiedará do moço; E comerá o fruto dos teus animais, e o fruto dos teus animais, e o fruto da tua terra, até que sejas destruído; e não te deixará grão, mosto, nem azeite, nem crias das tuas vacas, nem das tuas ovelhas, até que hajas consumido; e sitiá-te-á em todas as tuas portas, até que venham a cair os teus altos e fortes muros, em que confiavas em todas as tuas portas, em toda a tua terra que te tem dado o Senhor teu Deus."*²

Formação e divisão do reino

A História de Israel é estudada e questionada à séculos, e desde Flávio Josefo³ até os historiadores mais recentes, percebe-se que é impossível contá-la sem mostrar que se trata de um povo que luta por sua sobrevivência, e por seu estabelecimento em um local, desde sua existência. Muitos podem ser os motivos, mas não é nosso objetivo analisá-los aqui. O fato é que grande parte da História bíblica contada diz respeito às situações bélicas, vitórias e derrotas militares pelas quais passaram os exércitos de Israel. Trata-se de um povo que carrega sobre si, durante toda a sua trajetória, a esperança e o peso de uma promessa feita por Deus ao patriarca Abraão:

*"...E te farei frutificar grandíssimamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti; E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para te ser a ti por Deus, e à tua descendência depois de ti. E te darei a ti e a tua descendência depois de ti, a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã..."*⁴

Para que isso fosse possível bastava às gerações futuras observarem os mandamentos, obedecendo e servindo somente a este Deus. Abraão gera Isaque, que gera Jacó. Este tem seu nome mudado para Israel e é dele que provêm as 12 tribos de Israel. Após um período de escravidão no Egito, de peregrinações no deserto, das primeiras guerras de conquista contra os cananeus pela posse da Terra Prometida, de lutas contra os amorreus, ferezeus,

² As proclamações de bênçãos e maldições do livro de Deuteronômio ocupam 68 versículos e se repetem em outras passagens, abordando diversos assuntos. Os extratos retirados aqui são alguns dos que fazem menção às relações com outras nações. Texto utilizado: **Bíblia Sagrada**. Português. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. Corrigida e Revisada: fiel ao texto original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1990.

³ Fonte primária em História Antiga. Autor de diversos volumes em obra conhecida como **História dos Hebreus**.

⁴ Gênesis 17: 6-8

heveus, jebuseus, hititas, midianitas, filisteus, etc., e após um período de indefinição política tudo parecia tranquilo: Israel possuía um reino forte, um Templo suntuoso para o Deus de Israel (planejado pelo rei Davi e construído pelo rei Salomão), uma cidade principal murada (Jerusalém) e um exército forte que possivelmente carregava sobre si as glórias das conquistas de todo este prestígio.

O Reino de Israel, no tempo do rei Roboão, se divide, formando dois reinos: Israel, ao Norte, tendo como cidade principal Samaria, formado por 10 das 12 tribos; e forma-se ao sul o reino de Judá, tendo Jerusalém como centro político e religioso, formado pelas tribos de Judá e Simeão. Após essa divisão ocorrem diversas investidas na região por parte do Egito, Assíria e Babilônia, que ao dominarem as regiões, tributavam-nas. As 10 tribos do Norte são tomadas pelos Assírios⁵ no séc. VIII a. C. e o reino do sul sofre com os egípcios tributando-os e no séc. VII e no séc. VI a. C. com os babilônicos.⁶

Os cativos

É nesse período que Nabucodonosor da Babilônia, por motivo de uma rebelião por parte dos judeus contra seu domínio tributário, em 605 a. C., leva cativo o rei de Judá e parte do povo da terra. Em uma segunda rebelião, Jerusalém é cercada por dois anos e num segundo cativeiro são levados mais de 10000 habitantes. Uma terceira rebelião faz com que Jerusalém seja totalmente destruída, os muros são derrubados, o Templo destruído e seus tesouros roubados (que segundo relatos bíblicos eram muitos).

Jovens, donzelas, velhos, crianças são mortos pela fome dos cercos e tomadas da cidade. A tomada e a destruição de Jerusalém são detalhadamente contadas no final do segundo Livro dos Reis.⁷

Cerco e tomada da cidade

Tudo isso nos é contado poeticamente pela Bíblia, porém podemos supor que as tomadas das cidades na Antigüidade vão além do que entendemos como trágico, sobretudo para um povo com os sentimentos de religiosidade que possuía o povo judeu⁸. Essa terra, que agora eles perdiam, havia sido conquistada com muitas lutas, muitas guerras, muito sangue, além de ser um presente de Deus, uma promessa feita aos patriarcas. O Templo representava a

⁵ Senaqueribe e Sargão II empreendem diversas investidas

⁶ Nabopolassar, e posteriormente Nabucodonosor

⁷ Ref. Ver **II Reis** 25

⁸ “E farei cessar nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém, a voz de gozo, e a voz de alegria, a voz do esposo e a voz da esposa; porque a terra se tornará em desolação” (Jeremias 7:34).

materialização do recurso dado por Deus para a remissão dos pecados do povo. Somente ali, segundo a lei judaica, os sacrifícios de animais poderiam ser aceitos para trazer perdão à todos e estabelecer o contato com a vontade divina; não podia haver outro lugar. Cada lugar da região tinha um significado, uma História e um nome que representava a confirmação do pacto feito entre Deus e seu povo escolhido. Soldados inimigos entravam, derrubavam e queimavam tudo aquilo, invadindo os locais sagrados que somente o sumo-sacerdote, uma vez no ano e com o sangue do sacrifício, podia entrar⁹. As brasas do altar eram apagadas, as cortinas do Templo rasgadas, coisas que possuíam todo um ritual para serem preparadas.¹⁰ Os famintos moradores da cidade, que não eram mortos à espada, tinham suas barbas e cabelos cortados, como para servirem de escárnio diante dos inimigos.¹¹ Cadáveres amontoavam-se pelas ruas, a nobreza era feita prisioneira seguindo à pé para uma terra desconhecida, impura (segundo a lei), com crenças e deuses diferentes: miséria, vergonha, dor, humilhação. Com a cidade cercada ninguém entrava nem saía, o que gerava vários problemas: cessava o abastecimento de produtos provenientes da agricultura e das trocas, aparecia a fome e a escassez de água. O lixo deixava de ser tirado das cidades, o que fazia com que houvesse a proliferação de diversas doenças; pestes que por si só causavam inúmeras baixas. Por isso, e por outros motivos, chegava um momento em que as cidades tinham que se render. A higiene era um aspecto bastante observado pelo povo judeu, e até para as campanhas militares havia cláusulas interessantes sobre as necessidades fisiológicas¹². O sujeito que sofresse por exemplo da lepra, era isolado e tido como impuro até que provasse estar 'limpo'. Pode-se imaginar o desespero de alguns quando as sujeiras começaram a se acumular e iniciaram as mortes.

A lei judaica não permitia a mistura do sangue judeu; o estrangeiro era aceito, era tolerado¹³, mas havendo casamento contaminava a linhagem santa. Sabendo disso o povo caminhava para uma terra estranha onde muitos correriam o risco de perderem sua identidade, deixarem a pureza religiosa, apesar de já parecer corrompida, pelo fato de muitos não estarem observando a lei.¹⁴

⁹ Ver **lamentações de Jeremias** 1:10 "Estendeu o adversário a sua mão a todas as coisas mais preciosas dela; pois ela viu entrar no seu santuário os gentios, acerca dos quais mandaste que não entrassem na tua congregação"

¹⁰ Ver **Levítico**.

¹¹ Lv 19:27. "...Não cortareis o cabelo, arredondando os cantos da vossa cabeça, nem danificareis as extremidades da tua barba..."

¹² "...Dentre as tuas armas terás uma pá; e quando te abaixares fora, cavarás com ele e , voltando-te, cobriras o que defecastes.." Dt 23:13.

¹³ Ver **Êxodo** 23: 9. "...Também não oprimirás o estrangeiro;...pois fostes estrangeiro na terra do Egito."

¹⁴ Lei e religião eram uma coisa só, não havia como desvinculá-las.

O exílio

Nos tempos do episódio, a Babilônia era bastante próspera: possuía seus Jardins Suspensos, (considerada uma das maravilhas do Mundo Antigo), a cidade tinha suas ruas asfaltadas, possuía grandiosos palácios, templos suntuosos. Tudo o que uma grande civilização podia produzir, lá se encontrava nesta época. Segundo Heródoto a cidade tinha cerca de 380 quilômetros quadrados, muralhas duplas, 100 portas de bronze sendo 25 de cada lado e o Rio Eufrates passava pelo meio da cidade¹⁵.

O povo levado cativo teve permissão para viver em colônias, o que impediu sua dispersão total. A preocupação evidente nos escritos dos profetas contemporâneos em relação ao exílio, diz respeito à permanência da identidade religiosa, étnica e cultural, mesmo longe da Terra Prometida. Isso porque havia uma promessa, conforme veremos a seguir, anunciada pelos próprios profetas, do retorno do povo. Um retrato do infortúnio pode ser percebido através do Salmo a seguir:

"Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos e choramos, quando nos lembramos de Sião. Sobre os salgueiros que há no meio dela, penduramos as nossas harpas. Pois lá aqueles que nos levaram cativos nos pediam uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos uma das canções de Sião.

Como cantaremos a canção do Senhor em terra estranha?

Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha direita da sua destreza.

Se eu não me lembrar de ti, apegue-se-me a língua ao meu paladar; se eu não preferir Jerusalém a minha maior alegria..." Salmo 137¹⁶

O sofrimento é evidente; por certo havia saudades da pátria¹⁷ e do rito judaico, havia a dor da perda. Porém, a generalização desta imagem é perigosa, pois como já vimos, grande parte do povo já há muito abandonara a religião. Sendo assim, pouco importava estar ou não em Jerusalém. Relatos dos profetas relatam que muitos adquiriram bens na nova terra; não eram escravos, eram apenas súditos, tinham liberdade de ir e vir, construíram casas, cultivaram plantações, praticavam o comércio, tinham casas, famílias e até escravos, alguns enriqueceram. Portanto, pode-se imaginar uma certa indiferença com

¹⁵ MESQUITA, A. N. **Povos e Nações do Mundo Antigo**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: 1995. pg. 257,258

¹⁶ **Bíblia Sagrada**. Português. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. Corrigida e Revisada: fiel ao texto original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1990.

¹⁷ palavra pátria, vem do latim *pater* como 'terra dos pais' usada nas sociedades clássicas, não nas médio-orientais: Ver COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. 8ª. edição. Livraria Clássica. Lisboa, sd.

relação ao deslocamento geográfico.¹⁸

A profecia

Os profetas tinham papel fundamental neste contexto; mas para alguns deles, o preço de ser mediador da vontade de Deus era caro: muitas vezes eles sofriam com perseguições. Jeremias, profeta durante o cativeiro, dedica grande parte de sua obra escrita para exortar o povo e para lamentar sobre o acontecido.

Em uma de suas obras, intitulada mais tarde de Lamentações de Jeremias, há evidente tristeza e clara a atribuição à causa da ruína aos pecados do povo:

“Judá passou em cativeiro por causa da aflição, e por causa da grande servidão; ela habita entre os gentios, não acha descanso; todos os seus perseguidores a alcançam entre as suas dificuldades” Im 1:3

“Os seus adversários têm sido feito chefes, os seus inimigos prosperam; porque o Senhor a afligiu, por causa da multidão das tuas transgressões; os seus filhinhos foram para o cativeiro na frente do adversário” Im 1:5

“O coração deles clamou ao Senhor: Ó muralha da filha de Sião, corram as tuas lágrimas como um ribeiro, de dia e de noite; não te dês descanso, nem parem as meninas dos teus olhos” Im 2:18

Jeremias levanta-se contra os pecados do povo e contra os abusos exercidos pelos reis de Judá, na Jerusalém de antes do exílio. Predizia a destruição da cidade e o cativeiro. Para alguns príncipes ele foi considerado um traidor, pois fazia por dividir a opinião dos judeus nos momentos delicados das guerras. Foi enviado pelos sacerdotes para a prisão e mesmo sob tortura continuava acusando-os dos seus delitos. Foi condenado e conduzido à morte, mas conseguiu fugir com a ajuda de alguns amigos. Foi jogado em um calabouço de lama e depois transferido para o palácio do rei, onde foi encontrado por Nabucodonosor quando este invadiu a cidade pela terceira vez. Nesta ocasião Jeremias é bem tratado pelo rei babilônico, ficando isento das obrigações do exílio. Além disso, o rei ordena para que cuidem dele e lhe concede livre arbítrio para decidir aonde ir.¹⁹ Jeremias decide permanecer nos arredores, e Nabucodonosor nomeia um governador para a região chamado Gedalias - que após uma conspiração é assassinado, e com ele alguns judeus.

¹⁸ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Vol. II. Trad. Cláudio Molz. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997. (pg. 436)

¹⁹ **Jeremias** 40:4; “Agora, pois, eis que te soltei hoje das cadeias que estavam sobre a tua mão. Se te apraz vir comigo para Babilônia, vem, e eu cuidarei de ti, mas se não te apraz vir comigo para Babilônia, deixa de vir. Olha, toda esta terra está diante de ti; para onde parecer bom e reto aos teus olhos ir, para ali vai”. Palavras proferidas por Nebuzaradã (capitão do exército babilônico) para Jeremias.

Os poucos que restaram, com medo de permanecerem na cidade parcialmente destruída, decidem fugir para o Egito; vão perguntar para Jeremias se deveriam ir e ele responde que não, que a ordem de Deus era que permanecessem na terra. Não dando ouvidos ao profeta, eles partem e levam-no junto, à força acusando-o de mentiroso. Nabucodonosor invade o Egito, mata vários judeus que estavam lá e novamente preserva o profeta. Daí a procedência de sua fama de traidor.

Seu livro, 'Livro de Jeremias', fala acerca de um tempo determinado para o cativo, 70 anos²⁰ - a mesma duração se percebe em outros livros, como por exemplo o livro do profeta Daniel²¹. Este último, também considerado profeta, foi ainda jovem levado juntamente com os primeiros cativos em 605 a. C.. Seu livro relata que Nabucodonosor separou os mais nobres de Judá, para serem educados com os conhecimentos babilônicos e para, em seguida, servirem-no em seu palácio. O livro conta diversas situações difíceis pelas quais passam os cativos, mostrando muito da cultura, costumes e peculiaridades deste momento na vida em Babilônia. Outro importante profeta contemporâneo ao cativo foi Ezequiel, que parece ter vivido exilado próximo ao rio Quebar, em terras mesopotâmicas.²²

Aperfeiçoamento ou assimilação cultural?

Não é admirável que muitos judeus tenham transferido suas adorações aos deuses de Babilônia. Para um povo preservar sua identidade em sua própria terra era fácil, mas quando conquistados, as realidades mudavam e as influências de outros deuses tornava esta manutenção uma tarefa complicada²³. Por certo o processo de assimilação cultural ocorreu, mas um remanescente permaneceu fiel às tradições - é o que se percebe quando analisadas as medidas tomadas por aqueles que não se conformavam com a situação, e que tinham como promessa o retorno para Jerusalém.

Verificam-se atitudes tomadas, com positivo resultado, em prol da preservação religiosa: apesar da indiferença de muitos, torna-se notável a preocupação com o ensino da doutrina judaica às futuras gerações, dos nascidos em terras mesopotâmicas. É provável que muitos tenham ouvido acerca da promessa de restauração, e realmente tinham como meta esse retorno. Surgiu, portanto, a necessidade de se organizar estudos, ministrar o ensino das leis, preocupar-se com a preservação da língua e da cultura hebraica. Falava-se o aramaico em Babilônia, língua também de origem semita, porém distinta do

²⁰ Ver Jeremias 25:11-12.

²¹ Ver Daniel 9:2.

²² Ver Ezequiel 1:1

²³ EBAN, Abba . *A História do povo de Israel*. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1975.

hebraico; que no entanto teve grande assimilação por parte dos judeus, já que documentos do séc II e I a . C. registram o uso do aramaico na Palestina.

O Templo, antes elemento centralizador da religião, agora precisava de algo que o substituísse, e esse ensino, provavelmente, foi o determinador de tal substituição. A preservação da História e da legislação precisava de grupos que as transmitissem e os mais velhos, por certo, eram usados para esse ensino.

Essa tradição foi ensinada e pode ser considerada como as primeiras manifestações do que mais tarde tornaram-se as primeiras escolas rabínicas²⁴. Muitos não sabiam ler, havendo assim a necessidade de uma padronização desse ensino: dessa necessidade surgem as explicações orais e alguns comentários escritos dessas explicações.²⁵ Essas orientações, séculos mais tarde, foram compiladas e evoluíram para o que se chamou Talmudim - catálogos de escritos, anotações, regras, leis tradicionais, necessários tanto para as gerações futuras que retornariam e cultuariam novamente a Deus, quanto para os que porventura continuassem dispersos.²⁶ Houve na verdade dois conjuntos de obras produzidos: um feito pelos cativos em Babilônia, e outro pelos que ficaram em Jerusalém. Por isso existem dois Talmudes - os quais os judeus até hoje, se ocupam em estudar. Os locais de reunião para esses ensinamentos foi o que posteriormente chamou-se de sinagogas, local que não substituiu o Templo, mas que servia para o ensino da lei, da tradição e para as insurgentes discussões.

Para alguns autores, em Babilônia houve um aprendizado e uma melhora nas condições de vida - o exílio representando um ensino que poderia ser deixado para as gerações futuras. Por exemplo, há quem encontre positividade no fato de que até então os judeus não possuíam como costume a profissão de comerciantes, de mercadores, (alguns textos bíblicos referem-se ao comércio como uma atividade desprezível, tido como usura) e encontram na prática comercial uma forma de sobreviverem longe de suas próprias produções. Como camponeses, em outras terras, teriam poucas chances de prosperarem.²⁷

Apesar do cuidado que foi tomado, as influências das religiões mesopotâmicas fizeram com que o judaísmo adquirisse diversas faces. Documentações dos séculos I a .C. e I d. C. revelam inúmeras facções, doutrinas, correntes de pensamento provenientes e paralelas ao judaísmo, e que

²⁴ *Rabi* quer dizer 'Mestre': Até hoje os rabinos exercem papéis de extrema importância para as observações religiosas dos judeus.

²⁵ MESQUITA, Antônio Neves de. **Povos e Nações do Mundo Antigo**. 6^a. Ed. . Rio de Janeiro, 1995. pg. 275

²⁶ Segundo DONNER isso realmente ocorreu, muitos não retornaram preferindo viver em terras babilônicas.

²⁷ KELLER, W. **E a Bíblia tinha razão**. Melhoramentos: São Paulo, s.d. -pg. 253.

provavelmente são desse período: fariseus, saduceus, essênios, dentre outros²⁸. O fato é que as medidas tomadas a partir do cativeiro provocam não um prejuízo para a religião judaica, mas um aperfeiçoamento, uma sofisticação das liturgias.²⁹

As perdas

Muito mais do que uma perda material, o cativeiro representou uma perda interna moral e individual na vida de muitos. Alguns valores eram extremamente significativos para os judeus: os túmulos dos antepassados eram sagrados. Não havia um culto propriamente dito, mas havia, além da necessidade de se ter uma sepultura³⁰, um grande respeito e à tradição de se ser enterrado junto ao túmulo dos pais³¹ (e na Terra Santa); deixar tudo isso para traz, para alguns, por certo representou uma perda.

O que realmente representou, o fato de estarem longe de suas terras, das vinhas e demais plantações, das heranças dos pais, da também esplendorosa cidade de Jerusalém? Como entender porque aquilo estava acontecendo diante de uma tradição que informava-lhes constantemente sobre os milagres operados por Deus em favor do seu povo escolhido? Como entender que o mesmo Deus que havia tirado Abraão de Ur dos caldeus e concedido à sua descendência a Terra de Canaã, agora os fazia retornar ao mesmo lugar e viver ali sob o domínio de outro povo? Como entender que um Deus que os havia feito vencer várias batalhas através de Josué, derrubando os muros de Jericó, agora os fazia lembrar dos muros de Jerusalém, em ruínas? Como aceitar o fato de seus palácios e casas estarem queimados? Para os povos da Antigüidade, sobretudo os povos mediterrânicos, a noção de pátria confundia-se com tudo o que o cidadão possuía, seus cultos, seus antepassados, indo além das suas posses materiais. O exílio era o pior castigo que se poderia aplicar a um indivíduo³², e essa punição fazia parte da legislação de Israel, sendo aplicada para vários delitos.. Vemos isso em diversas passagens da lei judaica³³. O que parecia estar acontecendo agora, era que Deus estava julgando-os e condenando-os, não mais individualmente, mas coletivamente, e tratava de extirpar as almas da sua terra.

²⁸ COLEMAN, Willian. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. 1ª. edição. Venda Nova: Ed. Betânia, 1991.

²⁹ KLEIN, Ralph W. **Israel no Exílio: Uma interpretação teológica**. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

³⁰ Ver **Eclesiastes** 6:3 " ...Se o homem gerar cem filhos, e viver muitos anos, e os dias dos seus anos forem muitos, e se a sua alma não se farta do bem, e além disso não tiver uma sepultura, digo que um aborto é melhor do que ele"

³¹ Ver **Neemias** 2:3b "...como não estaria triste o meu rosto, estando a cidade, o sepulcro dos meus pais, assolada, e tendo sido consumidas as suas portas a fogo? "

³² COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. 8ª. edição. Livraria Clássica. Lisboa, sd.

³³ Ver **Levítico** 19:8, 20:6, 20:18,....

O retorno

Assim como o estudo do cativo de Judá em Babilônia apareceu como algo muito mais complexo do que se esperava, e não pode dar-se por terminado, da mesma forma o retorno do povo para a região de Jerusalém não pode ser explicado sem muitas discussões, que ficarão para uma futura ocasião oportuna. Por agora, importante se torna saber que o domínio da região deixa de ser babilônico, para ser exercido pelos Persas. Com isso, o povo de Judá recebe permissão para retornar para suas terras e os tesouros dos judeus são devolvidos (conforme as profecias existentes). Inicia-se então a difícil tarefa da restauração física da cidade, do templo, dos muros; e a complicada restauração espiritual e moral do povo. Muitos não retornam, tinham prosperado e estavam acomodados em Babilônia. Não viam motivos concretos para abandonarem tudo, e se deslocarem para um lugar que precisava ter praticamente quase tudo reconstruído. Acontece o retorno, curiosamente também em três levas (assim como haviam sido levados três grupos), e a reconstrução da cidade, assim como o restabelecimento do culto ao Senhor - porém com os vários problemas e modificações causados pela estada em Babilônia, e que se refletem na História do povo judeu por longos anos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João Ferreira de. (Tradução) **Bíblia Sagrada**. Português; Ed. Corrigida e Revisada: fiel ao texto original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1990.
- COLEMAN, Willian . **Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos**. 1ª. Edição. Venda Nova: Ed. Betânia, 1991.
- COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. 8ª. edição. Lisboa: Livraria Clássica, sd.
- CORNFELD, Gaalyah. **Archaeology of the Bible**. London : Adam & Charles Black Ltda, 1977.
- DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Vol. 2. Trad. Cláudio Molz. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- EBAN, Abba . **A História do povo de Israel**. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1975.
- JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. São Paulo: Ed. Das Américas, 1956.
- KELLER, W . **E a Bíblia tinha razão**. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- KLEIN, Ralph W. **Israel no Exílio: Uma Interpretação Teológica** Tradução: Edwino Royer. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.
- LISSNER, Ivar. **Assim Viviam Nossos Antepassados**. Vol.1. . Trad. Oscar Mendes. 2ª Ed.. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Ltda, 1961.
- MAZAR, Benjamin. **The illustrated History of the Jews**. New York :Editorial Board, 1963.
- MESQUITA, Antônio Neves de. **Povos e Nações do Mundo Antigo**. 6ª Ed.. Rio de Janeiro, 1995.
- RAINBOW Study Bible - CD ROM, EUA.
- SÉRIE Civilizações Perdidas. Título: **Terra Santa**. Rio de Janeiro: Abril Coleções, 1997.

CRONOLOGIA APROXIMADA

- 722 - Cativoiro das 10 tribos do Norte
- 702 - Tomada de Láquis pelos assírios - Senaqueribe
- 612 - Nínive destruída -início do II Império Babilônico
- 608 - 597 Jeoiaquim, Rei de Judá
- 606 - 561 Nabucodonosor na Babilônia
- 605 - Primeiro Cativoiro de Judá, por motivo de rebelião contra os dominantes.
- 600 - Segunda rebelião contra Babilônia
- 597 - Joaquim, Rei de Judá - cerco de Jerusalém - Segundo Cativoiro
- 597 - 586 Zedequias, Rei de Judá
- 592 - 570 Profeta Ezequiel
- 588 - Outra revolta contra Babilônia e início do cerco da cidade
- 586 - Destruição de Jerusalém - Terceiro Cativoiro
- 555 - Governo de Gedalias em Jerusalém - Jeremias no Egito
- 550 - 535 Profeta Daniel
- 539 - Queda da Babilônia, ascensão dos Persas ao domínio do Oriente.
- 538 - 530 Ciro II, Rei da Pérsia - Decreto para retorno do povo judeu